

**“O QUE PASSOU, PASSOU?”: aspectos éticos em pesquisas com eventos progressos.**

**MARIANA RAMOS DE MELO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
mariramos.melo@gmail.com

**ARIANA MARCHEZI DE SOUZA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
arianamds@yahoo.com.br

**LEONARDO QUINTAS ROCHA**

FACULDADE FUCAPE (FUCAPE)  
lqrocha@hotmail.com

**JÉSSICA DA CRUZ BATISTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
jessica.gestaodepessoas@gmail.com

## “O QUE PASSOU, PASSOU?”: aspectos éticos em pesquisas com eventos progressos

### 1 INTRODUÇÃO

Embora exista uma distância considerável entre a academia e o ambiente empresarial convencional, é comum encontrar pesquisadores que atuem tanto no meio acadêmico como no mercado de trabalho. Entretanto, o fato de vivenciar ocasiões no cotidiano empresarial não lhes confere autoridade para coletar dados e realizar pesquisas de cunho acadêmico sem o conhecimento prévio ou a devida autorização dos pesquisados.

Tendo em vista a relevância de o pesquisador assumir postura ética em seus estudos, é fundamental que este saiba lidar com o dilema de ter vivido e/ou presenciado um incidente crítico e ter o embasamento necessário para desenvolver o tema com o devido rigor ético e acadêmico. Ademais, dado que o pesquisador se defronta com diversas dificuldades no acesso à pesquisa em organizações convencionais, é relevante a discussão que englobe alternativas para superar limitações.

Dessa forma, diante de uma situação progressa na qual foi vivenciado um incidente crítico em um ambiente organizacional, o pesquisador pode valer-se, para resgatar fatos e ocorrências, da técnica que conecta o discurso e o mundo que está além dele, por meio da utilização de narrativas de fenômenos sociais (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Com o usufruto dessa técnica, é possível ouvir das pessoas que participaram do fato a versão narrativa sobre o ocorrido no passado e, dessa maneira, pode-se analisar o fenômeno sem ferir os devidos padrões metodológicos e éticos de pesquisa.

Sabe-se que a realização de pesquisas de caráter científico requer um determinado rigor metodológico e, para tanto, diversos autores já detalharam esse processo; especificamente a questão da ética na pesquisa já foi abordada por alguns pesquisadores (APPOLINÁRIO, 2007; COLLIS; HUSSEY, 2009; CRESWELL, 2003; DENZIN; LINCOLN, 2011; FLICK, 2009; MENDES et al., 2015). Apesar disso, percebe-se a necessidade iminente e cada vez maior de discussão dos aspectos éticos relacionados às pesquisas qualitativas, principalmente no que tange a utilização de acontecimentos progressos. Ao considerar esta lacuna, almeja-se discutir a seguinte problemática de pesquisa: **como exercer o papel de pesquisador com princípios éticos ao lidar com eventos progressos?**

Com o intuito de melhor compreender os dilemas éticos enfrentados por um pesquisador diante de ocorrências progressas, objetiva-se neste ensaio teórico apresentar uma visão geral acerca de características, possibilidades e limitações da utilização de narrativas na investigação social, além de discutir aspectos éticos relacionados a esse tipo de coleta de dados. Destaca-se que ensaios teóricos diferem-se do método tradicional da ciência, uma vez que a orientação não se fundamenta na busca de afirmações ou respostas verdadeiras, mas sim nas perguntas que orientam os leitores para profundas reflexões (MENEGETTI, 2011).

Nesse sentido, justifica-se a relevância deste ensaio teórico por meio da evidenciação da preocupação da comunidade acadêmica com as respectivas implicações éticas, morais, culturais e sociais das informações geradas por pesquisadores. Pretende-se ainda contribuir com o campo de pesquisas sociais ao apontar que a conduta ética na área acadêmica se relaciona com inúmeros aspectos, indo além das questões que envolvem plágio, anonimato dos respondentes, manipulação de resultados ou publicação de artigos idênticos em periódicos distintos.

Nos próximos tópicos, abordar-se-ão os fundamentos teóricos, os quais contemplarão embasamentos sobre a utilização de narrativas na pesquisa social e aspectos éticos relacionados às pesquisas qualitativas e às entrevistas narrativas. Por fim, considerações serão evidenciadas com o intuito de incitar reflexões sobre a postura ética dos pesquisadores em trabalhos acadêmicos.

## 2. AS NARRATIVAS NA INVESTIGAÇÃO SOCIAL

“Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91). Considerando essa frase, o “contar histórias” vem ganhando crescente destaque quando objetiva-se analisar fenômenos sociais, fato esse que contribuiu para a difusão das narrativas como método de pesquisa nas Ciências Sociais (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Nesse sentido, no tocante à importância destas na utilização em pesquisas, Flick (2009) observa que as narrativas fornecem detalhes contextuais e características necessárias para se compreender a história dos pesquisados. Ademais, nas palavras de Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91),

[...] as narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

Ressalta-se que, dentre os métodos biográficos de pesquisa, os quais vêm sendo utilizados com frequência nas últimas décadas, incluem-se as “histórias de vida”, que são utilizadas de formas diversificadas e em diferentes contextos. Ao comparar com as abordagens biográficas, ambas apresentam em comum o núcleo principal do método, qual seja a dimensão do contar e das narrativas (BARROS; LOPES, 2014). Assim, Barros e Lopes (2014, p. 43) explicam que “[...] as histórias de vida traduzem um modo narrativo próprio do autor (de seus saberes, suas influências, inspirações, determinações) em seu tempo e espaço vividos”. E continuam, ao detalharem os seguintes aspectos:

Ao recolhermos uma história de vida, o lugar central é do sujeito que se conta; é ele que fornece a matéria primeira sobre a qual trabalhamos, na medida em que certos acontecimentos só nos são compreensíveis se vistos de seu interior, se conseguirmos apreendê-los através dos sujeitos que deles participam, ou seja, encarnados em uma experiência individual. Temos, assim, a oportunidade de obter depoimentos sobre acontecimentos que buscamos compreender, difíceis de serem conhecidos fora da história dos sujeitos; depoimentos que podem nos dar detalhes desconhecidos, muitas vezes despercebidos, e pequenos ensinamentos que enriquecem a pesquisa e nos ajudam a ultrapassar os limites das histórias oficiais (BARROS; LOPES, 2014, p. 50-51).

Ao suscitar uma história de vida, há, pois, o registro de memórias individuais e coletivas, de experiências e de trajetórias, que são trabalhadas conjuntamente para evidenciar fatos, transformar coletividades e dar visibilidade ao ocorrido. Nessa perspectiva, as histórias de vida perpassam uma simples sucessão de fatos cronológicos, com concepções empobrecidas e ossificadas da realidade, e incluem uma dimensão política e emancipatória, além de permitirem aos atores que uma situação ou um sofrimento que tenham vivido passem a ter algum sentido (BARROS; LOPES, 2014). Destaca-se que em muitas pesquisas, especialmente as de cunho pós-estruturalista, as histórias de vida estão associadas à técnica de análise de dados conhecida como análise do discurso, a qual parte do pressuposto de que todo discurso é formado por um contexto social que envolve relações de poder (FOUCAULT,

1999, 2002). Sob essa ótica, todo discurso é um discurso histórico, no qual quem fala não é o sujeito, mas sim a própria história (FOUCAULT, 2003).

Destarte, considera-se que ao utilizar histórias de vida dos sujeitos de pesquisa, o pesquisador consegue ir além de uma simplificada sucessão de eventos cronológicos. Logo, as histórias de vida permitem uma visão mais extensa da realidade pelo pesquisador, além de proporcionar maior sentido à situação (BARROS; LOPES, 2014). Assim, tratando-se de pesquisa científica, tem-se a evidência de que essa metodologia é relevante quando o objetivo do pesquisador é acessar a memória dos sujeitos de pesquisa.

Um tipo específico de entrevista deve ser destacado nessa perspectiva, que pode ser utilizado em pesquisas quando há a análise e a compreensão de narrativas: a entrevista episódica. Essa técnica é sensível a contextos situacionais concretos e pode facilitar comparações entre eventos de grupos sociais distintos. O procedimento instiga os sujeitos de pesquisa a narrarem acontecimentos concretos da experiência vivida por meio de questionamentos gerais que estimulem respostas amplas. Com respostas gerais, o pesquisador tem chances de acessar o conhecimento adquirido pelo sujeito a partir de sua própria experiência e do conhecimento geral. Embasado nesse procedimento, o pesquisador pode valer-se da técnica para a investigação social em casos delicados e de difícil acesso, como o assédio moral e o assédio sexual (FLICK, 2002).

Nessa técnica, alguns critérios específicos devem ser seguidos pelo pesquisador, sendo eles: (1) obtenção de narrativas de acontecimentos concretos com perguntas gerais, cujo objetivo é respostas amplas; (2) menções de ocorrências concretas em que seja possível deduzir que os sujeitos de pesquisa possuem certas experiências; e, (3) livre permissão ao entrevistado para que este possa selecionar episódios que queira explicar e a maneira que deseje conduzir a explicação (FLICK, 2002).

Outra forma de coletar dados que pode ser utilizada por meio do “contar histórias” dos pesquisados é pela utilização de entrevistas narrativas na investigação social (FLICK, 2009) – sendo este o foco deste ensaio teórico. Tal técnica pode ser definida como uma forma alternativa de entrevista, com características específicas, sendo não estruturada e de profundidade (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Por conseguinte, as entrevistas narrativas são conceituadas – nos dizeres de Jovchelovitch e Bauer (2002) – como aquelas que têm em vista uma situação que estimule o entrevistado (ou informante) a contar a história sobre um acontecimento específico que tenha sido importante em sua vida.

Ao se deparar com a narrativa do autor, Flick (2009) elenca os estágios seguintes da entrevista, em que deve haver investigação profunda da narrativa (de modo a completar fragmentos desta que ainda não tenham sido detalhados) e, na sequência, deixar os entrevistados como os especialistas e os teóricos de suas histórias. De maneira similar, Jovchelovitch e Bauer (2002) detalham as cinco fases principais de condução da entrevista narrativa, sendo elas: (1) preparação, por meio do conhecimento do campo e formulação de questões; (2) iniciação, com a elaboração do tópico inicial e planejamento pelo emprego de auxílios visuais; (3) narração central, em que se definem condutas padrões do pesquisador (não interrupção da narrativa, encorajamento não verbal e espera para os sinais de finalização); (4) fase de perguntas (sucintas, estimuladoras e isentas de opiniões), e; (5) fala conclusiva, em que se deve parar de gravar e fazer anotações tempestivamente.

Nesse sentido, destaca-se que o escopo da entrevista narrativa é “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 93). A partir dessa ideia, é possível estabelecer conexão com o que afirmam Barros e Lopes (2014), uma vez que esses acreditam que as pesquisas em histórias de vida implicam produção de conhecimento a partir da fala do sujeito; isto é, a partir das crenças dos informantes sobre situações concretas vividas.

Uma das preocupações do pesquisador ao utilizar narrativas deve-se voltar para a

intensa fidelidade em reproduzir o que foi narrado, sendo esse um dos principais indicadores de qualidade. Considerando isso, algumas proposições podem ser aplicadas a essa técnica, quais sejam: (1) as narrativas revelam o que é real para o contador de histórias, ou seja, o que foi experienciado por ele; (2) as narrativas não simplesmente copiam a realidade, mas indicam representações particulares; (3) as narrativas expressam a verdade a partir de um ponto de vista específico e não podem ser julgadas como sentenças falsas ou verdadeiras; e, (4) as narrativas relacionam-se com o contexto social e histórico e só podem ser entendidas em um contexto mais amplo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Quando Flick (2009) versa sobre as entrevistas narrativas, ele expõe possíveis dificuldades que podem ser enfrentadas pelo pesquisador. Como exemplificação, cita-se o rompimento das expectativas de uma entrevista tradicional, tendo em vista que as perguntas não são feitas, comumente, da forma usual; em outras palavras, trata-se como a violação sistemática do que seriam os papéis esperados dos participantes envolvidos (FLICK, 2009). Adicionalmente, o autor explica que o entrevistador pode encontrar limitações quando há aplicação da técnica em culturas muito distintas (como em culturas estrangeiras).

Em suma, no tocante aos fundamentos da entrevista narrativa, o pesquisador, para colocá-la em prática, deve priorizar a interpretação de papéis durante o processo e também as entrevistas de ensaio (FLICK, 2009). Pode-se concluir, portanto, que ao utilizar entrevistas narrativas, são muitos os desafios a serem enfrentados pelos pesquisadores, mas estes não devem ser desencorajadores – conforme indicam Barros e Lopes (2014). Afinal, o “contar uma história” é uma importante técnica para gerar novas histórias (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), em que os laços entre a linguagem e a vida, assim como a mútua implicação entre narração e experiência, são evidenciados (BARROS; LOPES, 2014).

### **3. ASPECTOS ÉTICOS E PESQUISAS QUALITATIVAS**

É inegável o extremo cuidado e a atenção que devem ser direcionados a aspectos éticos quando se fala em pesquisas no meio acadêmico. Nessa contextualização, a reflexão sobre a ética aplicada às pesquisas de cunho qualitativo é fundamental, tendo em vista a importância desse tipo de pesquisa – conforme justificam Denzin e Lincoln (2011) e Flick (2009). Este assume que a pesquisa qualitativa encontra-se em processo contínuo de expansão, tendo em vista o surgimento de novas abordagens e métodos e a adoção em um número diversificado de disciplinas; aqueles, em uma visão semelhante, defendem que a pesquisa qualitativa abrange disciplinas, campos e assuntos distintos (bem como complexos termos e conceitos), e as relacionam com variadas perspectivas de pesquisa e métodos interpretativos.

Nesse contexto, Noreña et al. (2012) corroboram que o rigor no desenvolvimento de um projeto de pesquisa qualitativo permite também avaliar cientificamente os métodos e as técnicas de análise para obtenção de resultados contundentes. Entretanto, estudos qualitativos com baixa sensibilidade e versatilidade ao significado do contexto em que se trata o fenômeno de estudo refletem apenas a finalidade de validação dos resultados. Já estudos que buscam enfatizar a ética em pesquisas qualitativas ressaltam que quando o fenômeno humano é explorado, as análises de significados e explicações se tornam únicas e tangíveis, em que são reconstruídas pela versatilidade do pesquisador, preservando não somente regras e normas estabelecidas, mas também a fidelidade aos princípios da pesquisa qualitativa (GONZÁLEZ, 2002; NOREÑA et al., 2012).

Assim, tanto a demanda pela ética na pesquisa qualitativa quanto os dilemas éticos existentes são temas que devem ser priorizados e refletidos (FLICK, 2009); sendo que, nas palavras de Flick (2009, p. 50), “no público em geral, há uma sensibilidade crescente em relação às questões éticas na pesquisa devido à repercussão de escândalos”.

Embora haja diferentes ênfases sugeridas pelas correntes éticas, a maioria tem em

comum o pressuposto de explicar a moral humana a partir de valores e princípios éticos contemporâneos que se refletem nos parâmetros sociais – como liberdade, compromisso, responsabilidade, equidade e justiça social (BAUNGART, 2013; GONZÁLEZ REY, 2002; MENDES et al., 2015). Logo, é possível estabelecer uma conexão desta ideia com o que destacam Denzin e Lincoln (2011), os quais defendem que a ética social repousa sobre uma visão complexa dos juízos morais que integram várias perspectivas – experiências diárias, crenças, sentimentos de aprovação e rejeição – no tocante a relações humanas e estruturas sociais.

De forma semelhante, vale ressaltar a contribuição de Mendes et al. (2015), ao afirmarem que, por relacionarem dilemas entre certo e errado, as questões éticas acabam por influenciar de maneira decisiva as diferentes ações que são refletidas em âmbito individual ou grupal. Dilemas estes que Freitas (2011, p. 1160) reforça e defende uma provocação às questões éticas e morais referentes ao pesquisador:

A profissionalização acadêmica, seguindo as especialidades departamentais, conduz à privatização e à transferência da energia intelectual de um domínio social mais amplo para uma disciplina restrita, criando comunidades de conhecimentos insulares e não interdisciplinares. A pesquisa é um investimento social e deve ser colocada em debate no que diz respeito àquilo que faz e como é feita. O compromisso maior da pesquisa deveria ser produzir e elevar conhecimentos para a melhoria da vida individual e coletiva em suas múltiplas dimensões e interfaces, ou seja, o conhecimento acumulado deveria ser moralmente responsável diante da vida e da sociedade.

Outra questão relatada por Freitas (2011), debruçada na temática sobre a ética nas pesquisas acadêmicas, aborda cenários em que a ética nas pesquisas acadêmicas pode e deve ser questionada. Em seu estudo, são exemplificadas táticas de utilização por pesquisadores para sustentarem constantes publicações de artigos científicos com o propósito de “serem lembrados”, “serem reconhecidos” ou “se manterem aos olhos da academia”. Tais táticas se traduzem em conluios para participarem de publicações sem a devida contribuição na elaboração, como também para exercitarem o plágio de ideias ou coagirem orientandos em coautorias indevidas. Ademais, ainda focando a ação do pesquisador, Flick (2009) registra que os princípios da ética relacionados com a academia postulam que os pesquisadores devem evitar causar danos aos participantes que se envolvem no processo, tanto por meio do respeito como da consideração por seus interesses e suas necessidades.

Por fim, ao tratar de aspectos éticos especificamente na pesquisa qualitativa, é relevante citar características que são particulares deste tipo de pesquisa e que devem ser motivo de atenção daqueles que irão utilizá-la. De acordo com Flick (2009), as pesquisas qualitativas são normalmente abertas e adaptáveis aos eventos que ocorrem no campo, e seus métodos são menos consagrados se comparados aos da pesquisa quantitativa – o que dificulta, por exemplo, prever quais tipos de informações serão (de fato) coletadas. Esse autor explica ainda, em uma visão crítica positiva, que a despeito de não encontrar comumente fáceis soluções para problemas e dilemas que aparecerão durante o processo, “refletir sobre os dilemas éticos não deverá impedir o pesquisador de realizar sua pesquisa, mas poderá ajudá-lo a conduzir o estudo de uma forma mais reflexiva e a alcançar a perspectiva dos participantes em um nível diferente” (FLICK, 2009, p. 56).

#### **4. ASPECTOS ÉTICOS E ENTREVISTAS NARRATIVAS**

A postura ética do ser humano: um assunto delicado, complexo e, acima de tudo, relevante. Somos frutos das nossas ações, das nossas crenças e dos nossos valores. E a

conduta ética deve estar presente constantemente, e não deve ser diferente quando se trata de trabalhos científicos. Atualmente, em muitas esferas, a pesquisa tornou-se verdadeiramente uma questão de ética (FLICK, 2009; GUERRIERO et al., 2008).

Conforme entendimento de Flick (2009), tendo em vista a suscetibilidade às questões éticas da pesquisa, houve condução a elaboração de códigos de ética e de instituição de comitês de ética em diversas áreas e disciplinas. É evidente, por conseguinte, o quanto é essencial ao pesquisador adotar uma postura ética, não apenas para ter credibilidade na academia, mas para agir conforme as normas vigentes e evitar escândalos ou problemas similares.

Nessa contextualização, no tocante às entrevistas narrativas, o “conte-me sua história” não é algo simples, sendo este um pedido do pesquisador que deve ser formulado com embasamento nas diferentes demandas e contextos que envolvem o processo de pesquisa (BARROS; LOPES, 2014; BRUNER, 1991). Assim, os aspectos éticos que devem ser abrangidos neste tipo de técnica envolvem, dentre outros itens, a proteção dos interesses dos entrevistados que contribuem para a pesquisa e, ainda mais além, a eliminação de qualquer manipulação de dados (FLICK, 2009).

Ainda nessa perspectiva, Baldwin (2015), em seu estudo sobre a ética em narrativas, complementa acerca da importância do pesquisador manter um comportamento prudente e ético em relação à experiência em narrativas, devido ao fato das pessoas estruturarem histórias que trazem um significado para as suas vidas e moldam as suas relações com o mundo. Logo, ao considerarem a integridade narrativa de uma pessoa com base na ética narrativa, os pesquisadores obtêm suporte para um possível impacto de histórias emergentes sobre si mesmo e compreendem a riqueza e a complexidade das vidas individuais (BALDWIN, 2015).

Ao lidar com histórias de vida, narrativas e acontecimentos pregressos, o pesquisador encontra-se em uma tarefa que demanda cautela. Com entrevistas narrativas, o informante permite o acesso a seu interior e expõe uma realidade que o ultrapassa e o transforma (BARROS; LOPES, 2014; CHASE, 2005). Torna-se evidente, pois, o cuidado que deve ter o pesquisador com a sua postura ética ao utilizar-se desta técnica, em que são narradas situações do informante que externalizam situações vividas, revelam fatos ocultos, manifestam sentimentos, expõe segredos e aflições (CHASE, 2005). Para clarificar, como deve lidar o pesquisador com depoimentos, por exemplo, em que o entrevistado pede para não ser divulgado? É simples: o pesquisador, adotando postura ética, não divulga o que não é autorizado a ser divulgado.

Adicionalmente, Barros e Lopes (2014) acreditam que o homem é história, seja na forma em que é produzido por ela, seja na forma em que a produz. Assim, esses autores defendem que o homem potencializa a reconstrução de seu passado por meio da reflexão, da imaginação e do discurso. Novamente, torna-se evidente que o pesquisador, ao utilizar a referida técnica, estará sujeito a emoções profundas e a palavras tocantes de seus entrevistados. Vale mencionar ainda que, como postura ética, bem como para garantir a qualidade dos dados, é crucial que o pesquisador não interrompa e nem obstrua a narrativa de seu entrevistado (FLICK, 2009).

Com o exposto, considera-se que ao lidar com eventos pregressos, e ao utilizar a entrevista narrativa, o pesquisador estará envolvido com dilemas éticos que devem ser estudados e verificados de forma minuciosa. Não obstante, para garantir a qualidade científica da pesquisa, pode-se citar Flick (2009, p. 52-53), o qual assevera que “qualquer pesquisa que apenas reproduza outra pesquisa já existente, ou que não possua a qualidade de contribuir com algum conhecimento novo àquele conhecimento preexistente, pode ser considerada antiética”.

É importante destacar, por fim, que não apenas nas entrevistas narrativas, mas em qualquer técnica de coleta de dados em pesquisas, três aspectos devem ser enfocados para

alcançar a integridade ética na pesquisa: (1) a qualidade científica; (2) o bem-estar de todos os participantes; e, (3) o respeito à dignidade e aos direitos destes (FLICK, 2009).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SERÁ O PRODUTIVISMO ACADÊMICO UM ENTRAVE À ÉTICA?**

No presente ensaio teórico, objetivou-se apresentar uma visão geral das características, possibilidades e limitações da técnica de pesquisa chamada entrevista narrativa, com o intuito de discutir os dilemas éticos enfrentados por um pesquisador munido de eventos progressos.

Para tanto, o estudo fundamentou-se na ideia de que as narrativas fornecem detalhes contextuais cruciais para se compreender os fatos progressos (FLICK, 2009), os quais se diferenciam de uma simplória sucessão de fatos cronológicos (BARROS; LOPES, 2014). Ademais, a técnica de coleta de dados das entrevistas narrativas, segundo os últimos autores, constitui-se numa atividade (até mesmo) de caráter emancipatório, uma vez que pode vir a dar sentido a uma situação ou sofrimento que determinados atores tenham vivido – por exemplo, em situações de assédio moral ou assédio sexual – ocorrências recorrentes no ambiente corporativo.

Nesse contexto da postura ética em pesquisas, destaca-se que a velocidade do progresso científico-tecnológico colocou em cheque a veracidade das informações produzidas tanto por profissionais do meio acadêmico quanto do ambiente empresarial, o que foi diagnosticado por Flick (2009) como uma sensibilidade quanto à ética em resposta a repercussão de escândalos. Assim, enveredados pelo “modelo taylorista”, supostamente transposto do mundo empresarial para a academia, os pesquisadores no afã da produção de artigos em série (ou em massa) apropriam-se de métodos e técnicas de coleta de dados dúbias em detrimento da ética e do rigor metodológico, e acabam por negligenciar a produção do conhecimento (FREITAS, 2011).

Superar esse quadro já instaurado na comunidade acadêmica não é uma tarefa simples. Porém, principalmente no que tange à análise de acontecimentos progressos por intermédio das entrevistas narrativas, dois aspectos éticos devem ser considerados: a proteção dos interesses dos entrevistados e a eliminação de manipulação de dados (FLICK, 2009; RICHARDSON, 1999). Flick (2009) ainda complementa ao ressaltar que, com base em aspectos éticos na pesquisa acadêmica, houve a elaboração de códigos de ética para apoiar os comitês em diversas áreas do conhecimento. Para tanto, os códigos de ética pretendem legitimar a relação do pesquisador com o objeto de estudo e de seus participantes, além de fundamentarem que a pesquisa não pode prejudicar os participantes, seja qual for o interesse e a necessidade de estudo.

Sendo assim, o planejamento de uma atividade de pesquisa é imprescindível para não ultrapassar limites éticos e para garantir a manutenção da integridade moral dos participantes. Os pesquisadores devem identificar as situações em que a privacidade poderia ser invadida e evitá-las. Uma pesquisa ética é, pois, aquela que antecipa os possíveis problemas éticos, e não aquela que se justifica posteriormente a realização da investigação (CHURCHILL; PETER, 2005; PAIVA, 2005). Logo, adotar uma postura ética nada mais é do que não divulgar, em hipótese alguma, o que não é autorizado – independente da relevância do evento progresso.

O uso da entrevista narrativa como um procedimento de coleta e produção de dados progressos é, portanto, apenas uma possível solução para os inúmeros dilemas éticos que podem surgir em um processo de investigação científica e que devem suscitar a preocupação da comunidade acadêmica.

É válido ressaltar, ainda, a importância de se estabelecerem padrões acerca de aspectos éticos nas pesquisas sociais aplicadas – embora o termo “padrão” confira no senso comum um sentido burocrático. Assim, qualificar eticamente as ações dos pesquisadores (mesmo que utopicamente) constitui um avanço necessário no meio acadêmico; futuras pesquisas podem,

nesse sentido, contribuir de forma ainda mais contundente para o debate crítico sobre os aspectos éticos relacionados às pesquisas qualitativas.

## REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**: um guia prático para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2007.
- BALDWIN, C. Narrative ethics for narrative care. **Journal of Aging Studies**, v. 34, p. 183-189, 2015.
- BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.
- BAUNGART, T. A. A. Reflexões sobre a Atuação Ética do Pesquisador em Estudos Qualitativos: um Exemplo Envolvendo o Tema da Religiosidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.19, n.1, p. 33-37, 2013.
- BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, v.18, n.1, p. 1-21, 1991.
- CHASE, S. E. **Narrative inquiry**: multiple lenses, approaches, voices. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **The Sage handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.
- CHURCHILL, Jr. G. A.; PETER J. P. **Marketing**: criando valor para os clientes. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- COLLIS J.; HUSSEY, R. **Business Research**: a practical guide for undergraduate and postgraduate students. 3rd edition. London: Palgrave Macmillan, 2009.
- CRESWELL, J. W. **Research design**: qualitative, quantitative and mixed methods approaches. 2nd edition . London: Sage Publications Inc., 2003.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2011.
- FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, p. 114-136, 2002.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- FREITAS, M. E. O pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1158-1163, 2011.
- GONZÁLEZ, M. Aspectos éticos de la investigación cualitativa. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.29, p. 85-103. 2002.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GUERRIERO, I. C. Z.; SHMIDT, M. L. S.; ZICKER, F. **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, p. 90-113. 2002.

MENDES, A. V. C.; BESSA, L. F. M.; SILVA, S. A. M. Gestão da ética: a experiência da Administração Pública Brasileira. **Revista de Administração Pública e Gestão Social**, v. 7, n. 1, p. 2-8, jan-mar 2015.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

NOREÑA, A.; ALCARAZ-MORENO, N.; ROJAS, J., REBOLLEDO-MALPICA, D. Aplicabilidad de los criterios de rigor y éticos en la investigación cualitativa. **Aquichan**, v. 12, n. 3, p. 263-274, 2012.

PAIVA, V. L. M. de O. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, p. 45-61, 2005.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.